

# Pessoa e eu

Angel Crespo

Em meados dos anos 50, comprei a muito baixo preço, num posto de venda de livros da Encosta de Moyano, em Madrid, um exemplar, que continuo a conservar como uma relíquia, das **Odes** de Ricardo Reis. Há anos que eu lia facilmente em português, conhecia bem **Os Lusíadas** e a poesia lírica de Camões, tinha vários livros, originais ou traduzidos, de Antero, Guerra Junqueiro, Eugénio de Castro e Pascoaes, e costumava comprar, num quiosque da Cibeles, «O Século Ilustrado» que, se bem me lembro, era a única revista portuguesa que chegava a uma Espanha isolada pelo regime do resto do mundo, inclusive das demais ditaduras.

Alguns dias depois de ter feito esta aquisição, comentei, entusiasmado, a Eduardo Freitas da Costa, que, na altura, trabalhava na Embaixada de Portugal, a profunda impressão que aquelas odes me tinham causado, que descobri, de seguida, serem obra de um espírito superior. O que mais me intrigava, pois essa edição das **Odes** não tem prólogo nem aparato crítico, era o nome, Ricardo Reis, que as acompanhava. Eduardo pôs-me ao corrente da questão dos heterónimos, emprestou-me alguns dos livros de poesia pessoana editados pela Ática, sendo um deles o dos poemas homónimos e ofereceu-me um exemplar do livro que tinha sido publicado alguns anos antes, em 1951, cheio de anotações e correcções à biografia do poeta, escrita por João Gaspar Simões.

## Leitura aturada e primeira tradução

Pouco tempo depois, Joaquín de Entrambasaguas publicou **Fernando Pessoa y su creación poética**, um livro entusiasta cuja informação me foi muito útil, apesar de não estar de acordo com alguns dos seus pontos de vista críticos, claramente condicionados pela sua ideologia conservadora. Estudei também avidamente a «Breve orientação bibliográfica» que encerrava aquele volume, e não parei enquanto não arranjei a já mencionada biografia de Gaspar Simões e outros livros nela citados. É uma dívida que tenho para com Entrambasaguas — com que só me relacionei anos mais tarde, por volta de 1970, quando eu já estava em Mayagüez —, que creio um dever reconhecer aqui. Curiosamente, durante esses meses nem dom

Joaquín nem eu falámos alguma vez de Pessoa.

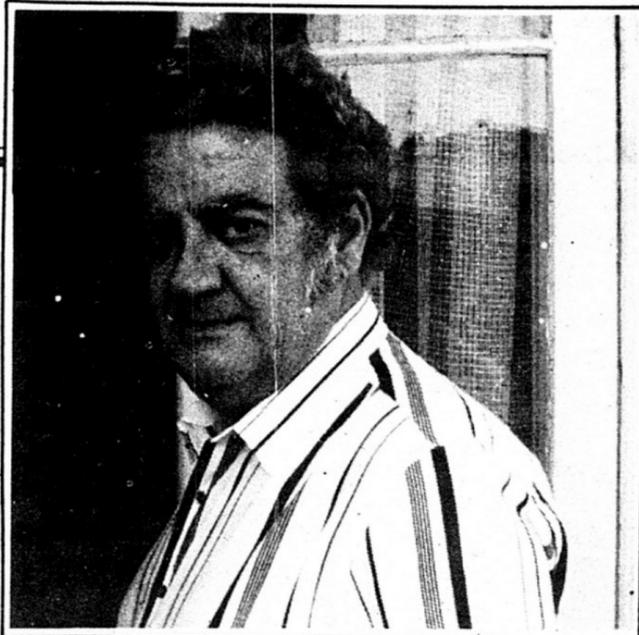
Eugénio de Andrade, que eu conhecera em Madrid em 1952, e que não voltaria a ver até 1959, enviou-me vários livros de Pessoa, sendo um deles os **Poemas de Alberto Caeiro**, que comeci a traduzir mal os recebi, pois «O guardador de rebanhos» causou-me uma impressão tão funda quanto estimulante. Em 1956, fiz a minha primeira viagem a Portugal, que aproveitei para adquirir vários livros sobre Pessoa e sobre a poesia portuguesa em geral.

Nessa altura, eu falava muito de Pessoa com os meus amigos; quando disse a José Luís Cano, um dos mais fiéis e queridos desde que nos conhecemos, que estava a traduzir Caeiro, propôs-me a publicação dessas traduções na Adonais, que era, nesse momento, a colecção mais prestigiada de livros de poesia que se editava em Espanha. Não sei que diligências terá feito Freitas da Costa junto dos herdeiros de Pessoa, seus familiares como se sabe, para conseguir que autorizassem aquela publicação sem receberem direitos de autor, mas a verdade é que o conseguiu e os **Poemas de Alberto Caeiro**

— isto é, uma selecção de 33 desses poemas — apareceram, com um pequeno prólogo da minha autoria, em finais de 1957. Dois anos antes, Armand Guibert publicara em Paris dois livros de traduções de poemas de Pessoa, a **Ode Maritime e Bureau de tabac et autres poèmes**, de modo que Espanha foi o segundo país onde apareceram livros de poesia pessoana.

## Um certo desinteresse

Nem o estudo de Entrambasaguas nem as minhas traduções de Caeiro tiveram muita repercussão nos meios literários espanhóis, o que se compreende bem porque o que então começava a estar na moda era a poesia social, cujas exigências intelectuais e estéticas quase sempre eram mínimas — apesar de as suas intenções serem excelentes — e, por conseguinte, nada aptas para a compreensão de uma obra como a de Pessoa. É possível que, se se tivesse sabido então que este poeta acabou por se opor à ditadura salazaris-



ta, o interesse por ele tivesse sido maior, mas duvido.

Em 1961, e depois de ter começado a colaborar na Imprensa literária de Portugal e a relacionar-me bastante, neste país e em Espanha, com os poetas portugueses, publiquei, também na Adonais, a **Antologia de la nueva poesía portuguesa**, isto é, da poesia posterior à II Guerra Mundial, livro recebido com frieza em Portugal — salvo raras excepções —, dado que nele figuravam poetas que emburravam uns com os outros. Além disso, tive de interromper as minhas frequentes viagens a Lisboa porque, por mais de uma vez, me senti ameaçado pela PIDE.

Um ano depois, fundei em Madrid, estimulado por João Cabral de Melo Neto, a **Revista de Cultura Brasileña**, que me desviou um pouco dos meus estudos pessoanos, os quais, contudo, nunca abandonaria. Em 1967, a minha situação política e social em Espanha começava a tornar-se insustentável e, por isso, decidi ir ensinar para a Universidade de Porto Rico, onde já tinham estado a fazer o mesmo, e por razões semelhantes às minhas, Juan

Ramón Jiménez, Federico de Onís, Jorge Guillén, Pedro Salinas e outros escritores espanhóis. Deixei em Madrid a minha biblioteca mas levei para as Caraíbas as suas secções portuguesa e brasileira. Pessoa foi um dos meus dilectos companheiros de exílio e, por mais de uma vez, comparei a Durban da sua infância e da sua adolescência à Mayagüez da juventude que me fugia.

## Um maior interesse de sectores literários

No começo de 1978, fui convidado por Arnaldo Saraiva a participar com uma comunicação no I Congresso de Estudos Pessoaanos, que se realizou no Porto nos primeiros dias de Abril, e lá encontrei velhos amigos e tive a satisfação de conhecer vários estudiosos do mesmo poeta. A partir de então, retomei as minhas publicações na Imprensa espanhola de estudos sobre Pessoa e de traduções da sua poesia. Foi nesses anos que comprovei, com alegria e fundadas esperanças, o interesse que a obra do grande poeta português começava a

despertar em sectores literários cada vez mais amplos do meu país.

Em 1980, a revista madrilenha «Poesía» dedicou um luxuoso e informativo número-duplo a Fernando Pessoa, em que não seriam convidados a colaborar aqueles que tinham introduzido e divulgado a sua obra em Espanha, o que causou grande surpresa entre os velhos leitores do indisciplinador de almas. Um ano depois, José Corredor Matheos pediu-me que preparasse uma antologia poética para a editorial Espasa-Calpe. Foram tantas as inesperadas demoras com que este empreendimento deparou para que os detentores com direitos do poeta autorizassem a sua publicação, que tive de me deslocar a Lisboa, onde consegui a assinatura do respectivo contrato graças à entusiástica colaboração de Fernando Assis Pacheco. Quem os predispuera a adoptar aquela atitude foi algo que me foi difícil imaginar.

## Presença nos Congressos

Desde então, alternei constantemente, e sem interrupção, os meus trabalhos sobre Pessoa com muitos outros — incluída, em primeiro lugar, a minha poesia — a que me tenho vindo a dedicar. Apresentei comunicações sobre ele e sobre a sua obra nos II e III Congressos Internacionais de Estudos Pessoaanos (Mashville, 1983; e Lisboa, 1985) e no I Congresso Internacional de Lusitanistas

(Continua na pág. 42-R)



# Religioso e não confessional

(Continuação da pág. 41-R)

(Poitiers, 1984) e inaugurei um ciclo de conferências sobre o poeta (Barcelona, 1986). Alguns destes trabalhos, juntamente com outros aparecidos em revistas ou inéditos, foram publicados no volume **Estudos sobre Pessoa** (Barcelona, Bruguera, 1984), recentemente lançado, numa magnífica tradução de José Bento, pela Editorial Teorema de Lisboa.

Vejo-me obrigado a dizer — pelo que peço desculpa ao leitor — que a implantação de Pessoa em Espanha como um dos escritores contemporâneos mais lidos e admirados se

deu a partir do aparecimento, em 1984 e por iniciativa de Pere Gimferrer, da minha tradução do **Livro do Desassossego**, que já atingiu a 9.ª edição na Seix Barral, além de uma, destinada aos quiosques de Imprensa, e de carácter popular, que se esgotou em poucas se-

manas. Neste livro, organizei os fragmentos que o constituem de acordo com critérios semelhantes aos da edição portuguesa mas com variações que facilitassem a leitura aos não iniciados na obra pessoana. Um deles consistiu em agrupar num apêndice os fragmentos do primeiro

projecto — muito influenciados pelo espírito decadente «fin de siècle» —, dos quais o seu autor começara a desconfiar, como demonstra uma das suas notas. O ritmo das edições do **Livro do Desassossego** parece ter-me dado a razão neste sentido.

## Obra de Saramago aumenta aura pessoana

Em Espanha, também influenciou muito na fama de Pessoa a tradução, a todos os títulos excelente, feita por Basilio Losada, do romance de José Saramago, **O Ano da Morte de**

**Ricardo Reis**, que constituiu um grande êxito editorial e de livraria, pois, graças aos escritos atribuídos a Bernardo Soares e à interpretação do heterónimo Reis por parte de Saramago, foi possível aos leitores espanhóis abordar com maior informação estética e crítica as inúmeras traduções de poesia pessoana feitas em Espanha, das quais é justo destacar as de J.A. Llardent, Ángel Campos Pápano, Rafael Morales, Pablo del Barco e Rafael Santos Torroella.

As minhas constantes leituras de Pessoa e dos seus muitos críticos e estudiosos levaram-me, como é natural, a inquirir acerca do sentido geral da totalidade da sua impressionante obra em prosa e em verso — sem descurar aspectos tão actuais como o seu iberismo — por a considerar imprescindível para uma leitura com certas garantias de compreensão despreconceituada. Não é o momento de expor aqui as ideias que já figuram noutras publicações minhas, mas direi sim que, ao tentar dar uma resposta — sei que incompleta — a uma questão tão importante, aceitei sem reservas a proposta pessoana do **drama em gente** e cheguei à conclusão, depois de ter estudado e sistematizado os seus escritos neopagãos, de que o problema geral da escrita de Pessoa é de carácter religioso, mas não confessional, e de que o seu esoterismo e o seu sebastianismo também merecem uma atenção preferencial quando se trata de aprofundar, quer no **drama em gente** quer nos restantes aspectos da sua obra.

Quando propus a Pere Gimferrer e a Mario Lacruz a publicação, na Seix Barral, da minha tentativa de «reconstrução» de **O Regresso dos Deuses** (já tinha este trabalho muito avançado), publicado há dois anos, e que procura mostrar a importância fundamental — e que acabei de me referir — que teve para a arte e para o pensamento de Pessoa a sua visão neopagã e que considero a verdadeira justificação da sua heteronímia. É algo em que insisti na minha colaboração para o número-duplo que a revista «*Anthronos*», dirigida por Ramón Gabarrós, e completado por um extenso suplemento, publicou em Barcelona em 1987. Este número demonstrou o grande enraizamento da obra de Pessoa entre os estudiosos e leitores espanhóis. Além de versões de alguns dos tradutores mencionados, e de outros

ainda, figuram neles estudos de Javier Urdanibis, César Antonio Molina, José Ángel Cilleruelo, António Crespo Massieu, Mikel Irondo, Perfecto Quadrado, Joaquim Salas-Sanahuja, A. Cardona e J.M. Gibert, juntamente com os dos estudiosos portugueses Teresa Rita Lopes, António Quadros e Alfredo Margarido.

## Livro sobre as ideias de Fernando Pessoa

A minha colaboração neste número é uma antecipaçoão resumida do meu livro, recentemente publicado, **La vida plural de Fernando Pessoa** (Seix Barral, 1988), no qual procuro dar ao cada vez maior número de leitores da língua espanhola da obra de Pessoa uma síntese crítica dos conhecimentos actuais acerca da sua vida e da sua obra, interpretada à luz do **drama em gente**, e onde tento esclarecer até onde creio possível os aspectos que mais apaixonam esses leitores, e a mim mesmo, entre os quais se contam as suas ideias religiosas, esotéricas e políticas, bem como aquilo a que Gaspar Simões chamou «o enigma de Eros».

No momento em que redijo estas linhas, acabo de enviar ao Grupo Editorial Z, de Barcelona, a minha tradução das **Cartas de Amor de Fernando Pessoa**, precedida de uma introdução com a qual, prevejo, alguns dos meus queridos e admirados amigos pessoanos não vão estar inteiramente de acordo, e seguida da tradução de 22 poemas ortónicos e heterónimos relacionados com o namoro do poeta com Ofélia Queiroz.

O facto de neste momento estar a preparar o meu regresso definitivo a Espanha impediu-me — para grande mágoa minha — de assistir ao congresso pessoano de São Paulo e de aceitar convites para comemorações celebradas ou a celebrar em Lisboa, Paris, Madrid e Barcelona, mas consola-me pensar que os muitos e mui queridos amigos que participaram ou vão participar nesses eventos não me considerarão alheio à celebração do centenário de Pessoa; e conforta-me ainda pensar nos trabalhos que sobre ele estou a realizar ou projecto realizar, entre os quais se conta a tradução de **Fausto**, obra recentemente estruturada pela minha querida e admirada amiga Feresa Sobral Cunha. Muito resta ainda fazer em torno da obra ímpar de Fernando Pessoa...



**Nestlé**

CHOCOLATE PRETO

Chocolate preto semiamargo, também na variedade com amêndoas.  
Alguns prazeres são eternos...  
Alguns momentos são únicos...

SABOR PLENO E REQUINTADO

o chocolate é Nestlé

DOAS